

Diálogo entre História e Literatura no romance histórico *Rastros de Sangue...*, de David Carneiro

Daiane Vaiz Machado

Acadêmica do curso de História (UNICENTRO)

Raphael Nunes Nicoletti Sebrían

Professor do Departamento de História (UNICENTRO)

Resumo: Este artigo discute a relação entre a história e a literatura no romance histórico *Rastros de sangue...*, escrito entre 1955 e 1967, pelo historiador paranaense David Antonio da Silva Carneiro (1904-1990). Trata-se de um romance ambientado em Curitiba/PR durante a Revolução Federalista (1893-1895), e foi pensando nesse contexto que o autor deu vida aos dois personagens principais, Júlia de Castro e seu noivo Carlos Antonio Balster, combatente na região da Lapa/PR, junto ao “Exército Nacional Libertador” de Gumercindo Saraiva. O objetivo deste artigo é compreender o processo de composição da ficção, verificando as possibilidades históricas e documentais dos temas apresentados pela produção ficcional.

Palavras-chaves: História; Literatura; Narrativa ficcional; Romance histórico.

Abstract: This article discusses the relation between history and literature in the historic novel *Rastros de Sangue...*, written between 1955 and 1967 by the Paraná state historian David Antonio da Silva Carneiro (1904-1990). The novel is set in the city of Curitiba, Paraná state, during the *Revolução Federalista* (1893-1895), and within such context the author had created the two main characters, Julia de Castro and her fiancé, Carlos Antonio Balster, a fighter in the *Exército Nacional Libertador* led by Gumercindo Saraiva in the city of Lapa, Paraná state. The objective of this article is to understand the processes of building fiction while verifying historical and documental possibilities in the themes presented by the fictional production.

Keywords: History; Literature; Fiction; Historical romance.

Resúmen: El tema de este estudio es la relación entre la historia y la literatura configurada en la novela histórica *Rastros de Sangue...*, de David Antonio Silva Carneiro (1904-1990). La fuente, por lo tanto, es el propio libro, escrito por Carneiro, historiador paranaense, entre los años 1955 y 1967. *Rastros de Sangue...* es una novela ambientada en la ciudad de Curitiba durante los eventos vinculados a la *Revolução Federalista* do Paraná y es pensando en este contexto que el autor da vida a los dos personajes principales, Júlia de Castro e su novio Carlos Antonio Balster, combatiente en la región junto ao “Exército Nacional Libertador” de Gumercindo Saraiva. El objetivo principal de este trabajo es comprender el proceso de composición del referido texto ficticio verificando las posibilidades históricas e documentales de los temas presentados por la producción narrativa.

Palabras-clave: Historia; Literatura; Ficción; Romance histórico.

Ocorrida em solo paranaense, a revolta¹ conhecida como “Revolução Federalista”, luta armada que eclodiu entre os anos de 1893 e 1895, constituiu-se em um tema de grande relevância para a historiografia brasileira, revisitado e muitas vezes enaltecido em trabalhos com ênfase factual, centrados na narrativa sequencial dos feitos políticos e militares.² Para a historiadora Sandra Jatahy Pesavento, a Revolução Federalista foi o movimento de contestação mais sério enfrentado pela então recém-proclamada República brasileira.³

Segundo a historiografia sobre o tema, os eventos vinculados à Revolução Federalista ocorreram de forma mais efetiva nos Estados do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina e têm como baliza inicial o ano de 1893.

No Rio Grande do Sul, o conflito iniciou-se com os movimentos de contestação da política centralizadora de Júlio de Castilhos por segmentos da classe dominante local seguidora das propostas parlamentaristas de Gaspar Silveira Martins. Por volta de setembro de 1893, os insurretos uniram-se à Revolta da Armada, extrapolando os limites regionais.

No Paraná, alijados do poder, os Liberais envolvidos com a pecuária e pequenos negócios do Paraná Tradicional⁴ vislumbravam uma chance de combater a liderança política de Vicente Machado e o projeto político de cunho centralizador de Floriano Peixoto.⁵

Os registros sobre os eventos são extensos, principalmente nos três Estados que atuaram efetivamente no conflito, em parte devido a “existência de grande número de cronistas, jornalistas e participantes letrados do conflito,

¹ O episódio ficou conhecido na história nacional como “Revolução Federalista”, no entanto cabe ressaltar que, de acordo com o conceito moderno de revolução tal como o definiu o sociólogo J. S. Erös, os acontecimentos melhor se enquadram dentro do que chamaríamos de revolta. Ver ERÖS, J. S., 1987 apud SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005. p.90.

² SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005. p.23.

³ Cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.7.

⁴ Entende-se por Paraná Tradicional a formação regional “que surgiu ainda no século XVII com a extração do ouro de aluvião e seguiu pelo século XVIII com a organização da sociedade dos Campos Gerais, calcada na grande propriedade rural de criação e comercialização de gado muar e vacum, destaque para as cidades de Curitiba e Paranaguá [...]”. SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005. p.34.

⁵ Tese defendida pelo historiador Rafael A. Sêga em seu doutoramento, revisitando a historiografia tradicional a respeito do tema. SÊGA, Rafael A.

Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907). Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005. p.16-17.

os quais produziram registros escritos do mesmo”.⁶ O historiador Rafael A. Sêga observa que a produção historiográfica paranaense sobre o conflito, na maior parte das vezes, tratou o tema a partir de uma abordagem factual, sem muitas problematizações.⁷ Supomos que tal fato também se deu por ter sido a primeira atuação do Estado paranaense em um movimento de contestação política em nível nacional. Neste contexto, o discurso historiográfico e o discurso ficcional, com seus métodos e fins distintos, apresentam-se como representações do mundo social e são possíveis interpretações de uma época, formas de percepção e configuração da sociedade. Ambos apresentaram uma extensa e prolífica produção construída com fragmentos do passado, na tentativa de recriar um mundo perdido, que só existe na memória.⁸

Esse estudo se propõe a discutir a relação entre a história e a literatura configurada no romance histórico *Rastros de sangue...*, do historiador e ficcionista paranaense David Antonio da Silva Carneiro (1904-1990), cuja feitura se deu entre os anos de 1955 e 1967. O romance é ambientado na cidade de Curitiba durante os acontecimentos da Revolução Federalista no Paraná.

História e Literatura: diálogo profícuo

Muitos estudiosos se dedicaram ao debate interdisciplinar entre a história e a literatura, debate que se intensificou a partir da crise do marxismo e do estruturalismo na segunda metade do século XX, quando foram questionadas as certezas “inabaláveis” do ofício do historiador, possibilitando uma aproximação multidisciplinar da história com diversos campos do conhecimento.

Afastando-se da História Social, que priorizava os estudos das lutas econômicas, a Nova História Cultural propôs voltar-se à cultura e, a partir de seus pressupostos, interpretar a sociedade, o que influenciou a utilização de novas fontes, a exploração de outros campos e um novo olhar para os mesmos objetos, olhar iluminado pelas novas alianças, entre elas com a literatura.⁹

Algumas mudanças na concepção do conhecimento histórico se configuraram, como as críticas à noção de objetividade e à procura, pelo historiador, da formulação da verdade sobre os fatos passados. As fontes, matéria-prima da História, passaram a ser consideradas “indiciárias” daquilo

⁶ SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005. p.116.

⁷ SÊGA, Rafael A. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005. p.117.

⁸ Cf. ESTEVES, Antônio R. *Literatura, história, memória (um tríptico em construção)*. 2006. Tese (Livro-Docência em Literatura Comparada). Faculdade de Ciências e Letras de Assis-UNESP/Assis. p.18.

⁹ Cf. CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2002.

que poderia ter sido. “Neste caso, a história se reveste de uma função de criação, ao selecionar documentos, compor um enredo, desvendar uma intrigar, recuperar significados”.¹⁰ O discurso historiográfico estaria diante da presença da ficcionalidade e da imaginação, princípios que regem o discurso literário.

Acerca da discussão teórica entre os dois discursos, Antonio Celso Ferreira, em seu artigo publicado na Revista *Pós-História*, em 1996, faz uma reflexão sobre os acirrados debates travados sobre o diálogo da história com a literatura, interrogando as fronteiras, distanciamentos e aproximações das duas áreas do conhecimento e suas especificidades. Segundo o autor, apesar de ser difícil mapear na historiografia as inúmeras tendências do tratamento dado ao intercâmbio/diálogo história-literatura, “uma caracterização preliminar lembraria que elas têm se abrigado, grosso modo, na *história cultural*”, tendências que se traduzem em múltiplas facetas teóricas, renovadoras e interdisciplinares, influenciadas pelo surgimento de novos territórios a serem explorados pela pesquisa histórica.

O discurso literário constitui-se em uma mediação social, pois é um sistema simbólico de comunicação, assim como a história nutre-se da experiência humana, buscando registrá-la pela mediação da palavra.¹¹ No entanto, o discurso ficcional não possui nenhum comprometimento com o real vivido, não exige a rigor o trabalho com a pesquisa documental, ofício que compete ao historiador, o que também não significa que seu discurso seja o avesso do real, “mas uma outra forma de captá-lo, em que os limites de criação e fantasia são mais amplos que aqueles permitidos ao historiador”.¹²

A criação literária revela todo o seu potencial como fonte para os estudos históricos, seu discurso articula-se “como instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história em todos os seus aspectos [...]”.¹³ Cabe aos estudiosos que se dedicarem a empreender um trabalho historiográfico com as produções literárias romper com o ponto de vista usual, que pretende entender a obra ora como condicionada pela sociedade, ora como expressão de uma época, desvencilhando-se da concepção de que o elemento social, externo, é o determinante causal da obra, pois, segundo Antonio Candido,

¹⁰ PESAVENTO, Sandra J. Contribuição da História e da Literatura para construção do cidadão: A abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. (orgs.) *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1998. p.20-21.

¹¹ ESTEVES, Antônio R.; MILTON, Heloisa Costa. Narrativas de extração histórica. In: CARLOS, Ana M; ESTEVES, Antônio R (orgs.) *Ficção e História: Leituras de romances contemporâneos*. Assis: FCL – UNESP/ Assis, 2007. p.12.

¹² PESAVENTO, Sandra J. Contribuição da História e da Literatura para construção do cidadão: A abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra J. (orgs.) *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1998. p.21.

¹³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.246.

crítico literário de intensa atividade intelectual, a compreensão da obra só é possível, “[...] fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteadado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento da estrutura, tornando-se, portanto, interno.”¹⁴

Para se compreender uma obra literária é preciso pensar organicamente, diluir os elementos externos, fatores sociais e psíquicos em agentes da estrutura, inseridos no enredo da obra, capazes de proporcionar sustentação para uma análise coerente. Em linhas gerais, essa concepção norteará toda a construção deste trabalho, ou seja, procurar-se-á entender o contexto social, o ambiente histórico-social no Paraná durante os anos em que o Estado participou do movimento federalista, como agente da estrutura e não como elemento exterior, referencial, condicionante ou determinante da obra.

O romance histórico como objeto de estudo

A aproximação da história com a literatura influenciou o surgimento de novos territórios a serem explorados pela pesquisa histórica e esse alargamento de possibilidades proporcionou, entre outros debates e possibilidades, a utilização, como fonte, do romance histórico, “um gênero narrativo híbrido, surgido de um processo de combinação entre história e ficção”,¹⁵ dois pontos de vista que se cruzam dialogicamente mas que necessariamente não se misturam, pois o romance histórico não é história, o discurso que o rege é o da poética, por mais que se fundamente em fatos, contingências ou personagens históricos reais.¹⁶

Como ressaltou Perry Anderson, em sua configuração clássica “o romance histórico é uma épica que descreve a transformação da vida popular através de um conjunto de tipos humanos característicos, cujas vidas são remodeladas pelo vagalhão das forças sociais”.¹⁷ A configuração ou forma clássica à qual Anderson se refere foi inaugurada pela obra *Waverley*, em 1814, e mais tarde consolidada e popularizada com a publicação de *Ivanhoé*, em 1819, pelas mãos do escritor inglês Sir Walter Scott (1771-1832). Como

¹⁴ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p.13-14.

¹⁵ ESTEVES, Antônio R. *Literatura, história, memória (um tríptico em construção)*. 2006. Tese (Livre-Docência em Literatura Comparada). Faculdade de Ciências e Letras de Assis-UNESP/ Assis, 2006. p.26.

¹⁶ Cf. ESTEVES, Antonio R. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, Letícia Zini (org.) *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Arte & Ciência, UNESP/Assis. 1998.

¹⁷ ANDERSON, Perry. Trajetos de uma forma literária. *Novos Estudos*. Rio de Janeiro, n. 77, p. 205, 2007.

conseqüência de inúmeros acontecimentos históricos, como a Revolução Francesa e as conseqüentes campanhas napoleônicas, que marcaram profundamente a sociedade, o homem da época foi levado a refletir sobre a sua condição histórica, o que caracteriza um dos núcleos dessa modalidade de romance.¹⁸

O modelo apregoado por Scott sofreu profundas alterações desde o Romantismo, momento em que surgiu, seja no diálogo que mantinha com o discurso histórico, seja no fazer poético e sua relação com o social, na concepção de tempo, valores e ideologias, no papel dos personagens, entre outras mudanças e revezes críticos, que somente um exame de cada período poderia melhor esclarecer.¹⁹ Essa modalidade de romance nutre-se dos fatos históricos, dessa forma o diálogo que estabelece com a história é constante, e, portanto, as crises de identidade da literatura, assim como da história, acabam por atingi-lo. “Segundo mudam as concepções do romance e suas relações com a sociedade, também muda o romance histórico, da mesma maneira que ele se vê afetado pelas mudanças epistemológicas que se verificam na narrativa histórica”.²⁰

Para a análise do presente estudo, nos voltaremos mais profundamente à matriz fixada por Scott, resumidamente sistematizada em dois princípios básicos segundo Antonio R. Esteves:

1- A ação do romance ocorre num passado anterior ao presente do escritor, tendo como pano de fundo um ambiente histórico rigorosamente reconstruído, onde figuras históricas reais ajudam a fixar a época, agindo conforme a mentalidade de seu tempo. 2- Sobre esse pano de fundo histórico, situa-se a trama fictícia, com personagens e fatos criados pelo autor. Tais fatos e personagens não existiram na realidade, mas poderiam ter existido, já que sua criação deve obedecer à mais estrita regra da verossimilhança.²¹

O romance histórico que é objeto deste estudo, *Rastros de sangue...*, é ambientado na cidade de Curitiba e narra os eventos da Revolução Federalista no Paraná, a partir do enlace amoroso entre os personagens fictícios Júlia de

¹⁸ ESTEVES, Antônio, R. *Literatura, história, memória (um tríptico em construção)*. 2006. Tese (Livre-Docência em Literatura Comparada). Faculdade de Ciências e Letras de Assis–UNESP/ Assis, 2006. p.27-30.

¹⁹ Sobre a trajetória do romance histórico, consultar ESTEVES (2006).

²⁰ ESTEVES, Antônio R.; MILTON, Heloisa Costa. Narrativas de extração histórica. In: CARLOS, Ana M; ESTEVES, Antônio R (orgs.) *Ficção e História: Leituras de romances contemporâneos*. Assis: FCL – UNESP/ Assis, 2007. p.16.

²¹ ESTEVES, Antônio R. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, Letícia Zini (org.) *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Arte & Ciência, UNESP/Assis, 1998. p.129.

Castro e seu noivo Carlos Antonio Balster, combatente na região da Lapa junto ao “Exército Nacional Libertador” de Gumercindo Saraiva.

David Carneiro, autor de *Rastros de sangue...*, é um historiador por “vocação”,²² sua formação se deu em colégios militares, em Barbacena (1918) e no Colégio do Rio de Janeiro (1919-1922), diplomando-se em Engenharia, em 1927, pela Universidade do Paraná.²³ Durante a feitura do livro, na década de 1950, dirigiu a Escola de Música de Belas Artes do Paraná, onde proferiu aulas de Arquitetura Analítica. Na Universidade Federal do Paraná, assumiu a Cátedra de Evolução da Conjuntura Econômica (1955 a 1957), atuou como professor titular de História na Universidade de Brasília em 1965. Na década de 1960, foi professor visitante nos Estados Unidos, nas universidades de Nebraska e Howard, entre outras, nas quais lecionou História e Economia.²⁴ David Carneiro também “foi membro do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense e sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”.²⁵

Trata-se de um historiador de relevância para a historiografia paranaense e em muitos de seus escritos é recorrente o tema da Revolução Federalista. Publicou, em 1934, *O Cerco da Lapa e seus Heróis*, posteriormente *Os fuzilamentos de 1894 no Paraná*, em 1937, *O Paraná e a Revolução Federalista*, em 1944, e no mesmo ano *Os Dois Máximos Heróis da Resistência da Lapa*, retomando o tema em suporte literário/ficcional com *Um Noivado em 1894*, reeditado em 1971 sob o título *Rastros de sangue...*²⁶

Carneiro foi o idealizador e o organizador do museu “Coronel David Carneiro”, criado em 1928, onde reuniu um grande acervo que remete à História do Brasil, do Paraná e principalmente aos acontecimentos sobre a Revolução Federalista.²⁷

Sem dúvida, o historiador esteve intimamente ligado aos episódios atinentes à revolta. Seu pai, Coronel David Antonio da Silva Carneiro Junior (1879-1928), foi político e grande industrial da erva-mate, filho de David Carneiro (1853-1908) que viveu e atuou no episódio, além de ter sido sócio e amigo pessoal do Barão do Serro Azul, razão pela qual seu avô é rapidamente citado na narrativa.

²² “[...] historiadores por vocação. Estas pessoas, apesar de sua formação profissional ter sido feita em outra área do conhecimento, dedicavam-se à história”, GLEZER, Raquel, 1976, p. 234 apud ANHEZINI, Karina. *Um metódico à brasileira: a História da historiografia de Afonso de Taunay (1911-1939)*. 2006. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista – UNESP/Franca, 2006, p.12.

²³ *Dicionário Histórico-Biográfico do Estado do Paraná*. Curitiba: Livraria do Chain/Banco do Estado do Paraná S/A, 1991, p.58.

²⁴ Academia Brasileira de História. *Prof. David Carneiro, O historiador*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1982, p.12-14.

²⁵ *Dicionário Histórico-Biográfico do Estado do Paraná*, op. cit., p.59.

²⁶ Academia Brasileira de História, op. cit., p.11-13.

²⁷ *Dicionário Histórico-Biográfico do Estado do Paraná*, op. cit., p.59.

Após a morte do Barão do Serro Azul, seu avô, David Carneiro, fundou a empresa Carneiro & Cia, sucessora da firma individual Ildefonso Pereira Correia.²⁸ Cabe um esclarecimento quanto ao nome de família, pois David Carneiro, autor de *Rastros de sangue...*, “é o 4º na linha de primogenitura da família Carneiro com o mesmo nome”.²⁹

Após os estudos nos colégios militares, Carneiro dedicou-se aos estudos da obra de Augusto Comte, e, por meio de sua influência, o positivismo foi propagado no Paraná em sua fase religiosa, Carneiro “ajudou a organizar o Centro de Propaganda do Positivismo no Paraná (que daria origem à Capela da Humanidade de Curitiba)”.³⁰

Em virtude de tal formação, sua concepção de história é norteadada pelas idéias positivistas, alicerçadas em princípios racionais, na crença de uma verdade científica e exclusivamente humana. Crédulo em uma história evolutiva, que prega a razão como base para o progresso.

Rastros de sangue... mantém diálogo com as outras obras produzidas pelo autor sobre a revolta, mas observamos, quanto à estrutura e à temática do romance, maior presença de *O Paraná e a Revolução Federalista* (1944).³¹ As duas obras focalizam a invasão do Estado pelos maragatos, a tomada de Paranaguá e Tijucas, as tensões quanto a investida sobre Curitiba, o empréstimo de guerra, os conflitos em Lapa, a bravura e a morte de Gomes Carneiro, a capitulação da cidade após 26 dias ininterruptos de combate, a debandada dos maragatos, a volta da legalidade e a morte trágica do barão do Serro Azul. No romance os dados históricos são reconstruídos a partir de uma perspectiva realista, proporcionando um equilíbrio entre a fantasia e a realidade, importante preocupação do romance histórico romântico.³²

Essa liberdade de polemizar com os acontecimentos do passado proporciona ao historiador “carregar” a sua obra (a qual denomina de *história*

²⁸ Newton Carneiro, irmão de David Carneiro, escreveu uma biografia sobre o pai, ver: CARNEIRO, Newton. *Um precursor da Justiça Social. David Carneiro e a Economia Paranaense*. Curitiba: [s.n], 1965.

²⁹ Academia Brasileira de História, op. cit., p.9.

³⁰ SÊGA, Rafael Augustus. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005. p.57.

³¹ Essa obra foi reeditada pela Secretaria da Cultura e do Esporte do Paraná, quando das comemorações do Cinquentenário do Cerco da Lapa, em 1944, “pela magnitude do fato histórico rememorado, requeriam, como complemento necessário, a feitura de um livro que, com elevado senso cívico e amor à verdade, traduzisse fielmente o objetivo patriótico do eminente titular da pasta da Guerra, Gen. Eurico G. Dutra, quando decidiu realizá-las”. CARNEIRO, David. *O Paraná e a revolução federalista*. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1982. p.7.

³² ESTEVES, Antônio R. *Literatura, história, memória (um tríptico em construção)*. 2006. Tese (Livres-Docência em Literatura Comparada). Faculdade de Ciências e Letras de Assis-UNESP/ Assis, 2006. p.28.

romanceada) de uma atmosfera marcada pelo sentimento de temor, tensão e angústia da população paranaense durante a passagem dos “corrientinos bombachudos” pelo Paraná: “Nenhum período da história do Paraná é tão cheio de angústias quanto o que abrange as semanas entre os fins de Novembro de 1893 e os primeiros dias de 1895, atingindo neste ano o mês de Março. Mas são, sobretudo terríveis os dias que correm entre Janeiro e Junho de 1894.”³³ Carneiro, assim, defende a idéia de que esse é o período mais marcante da história paranaense, discordando de historiadores contemporâneos seus como Romário Martins e Francisco Negrão, que não consideram, como ele e Ermelino de Leão, que “a Revolução Federalista tivera importância capaz de moldar a feição social do nosso Estado”.³⁴

O episódio em solo paranaense é marcado, por Carneiro, como momento de crise que impediu a evolução do Paraná, pois o Estado sulino é caracterizado por invasões e “cada uma delas traz, aos pacíficos habitantes primitivos da região, um sofrimento intenso que o tempo, depois, apaga, salvo para a história”.³⁵ O autor leva-nos a acompanhar o seu raciocínio de que finalmente, após a emancipação política em 1853, fundava-se “o esforço civilizador dos brancos na quietude antiga e tudo ia para incorporação e nacionalização perfeitas, quando a invasão federalista, seguida pela florianista desfazem o bom caminho”.³⁶

Carneiro mostra-se apreensivo com os episódios então recentes do Paraná e comenta a forma como o Estado foi perturbado entre os anos de 1950 e 1965, quando sofreu infiltrações em massa de adventícios que ambicionavam enriquecer, “produzindo lucros à custa da felicidade que desaparece...”.³⁷ Afirma que hoje (provavelmente trata-se do ano de 1971, em que presidiu o governo do Estado Haroldo Leon Peres, natural de Avaré, SP.) se evidenciava outra invasão, em termos agora pacíficos, pois o Paraná era governado por pessoa de outro Estado, “repete-se o quadro de 94 em que um General de fora, com oficiais e praças, estranhos ao meio, fuzilava gente da mais alta estirpe paranaense...”³⁸ É esse autor inquieto com o seu presente que revisita o passado, em momento que considera de intensa angústia, assemelhado, pelas características trágicas, à Revolução Francesa (mesmo que o autor distinga as épocas históricas).

O período que compreende a revolta no Paraná é, para Carneiro, um momento que não deve ser apagado da história, uma época que serve de tema para um estudo social, que, bem ao gosto positivista, *visa à nossa própria evolução*.³⁹ Carneiro esclarece ao leitor que o romance será permeado pela

³³ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.1.

³⁴ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.5.

³⁵ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.9.

³⁶ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.10.

³⁷ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.10.

³⁸ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.10.

³⁹ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.4.

interpretação histórica, com um forte apelo ao discurso historiográfico na intenção de levar o leitor a conhecer a verdade sobre os angustiosos momentos vividos no Paraná durante a Revolução Federalista.

O romance divide-se em dezenove capítulos, nos quais é relatada a atmosfera de angústia, incerteza e apreensão que envolveu o Paraná durante a invasão federalista, evocada e vivida pelos noivos Júlia de Castro e Carlos Antonio Balster.

A perspectiva do narrador onisciente confere, por meio dos personagens, uma ordem lógica aos fatos que se estruturam de forma cronológica e contínua.

[...] o romancista onisciente adotando por assim dizer uma visão estereoscópica ou tridimensional, enfocava os personagens logo de dentro, logo de fora, conhecia-lhe o futuro e o passado empíricos, biográficos, situava-as num ambiente de cujo plano de fundo se destacavam com nitidez, realçava-lhes a verossimilhança (aparência de verdade) conduzindo-as ao longo de um enredo cronológico (retrocessos no tempo eram marcados como tais), de encadeamento causal.⁴⁰

Esse estilo de foco narrativo costuma ser denominado como “autor onisciente intruso”, confere ao autor liberdade no ato de narrar os acontecimentos, predominando as suas próprias percepções, dominando todo um saber sobre a vida dos personagens e tecendo comentários psicológicos sobre os mesmos.⁴¹ Essa posição do narrador permite que ele conte, analise e critique, com o auxílio dos personagens, o cotidiano dos acontecimentos do conflito, penetrando nas intimidades mais profundas.

Esse recurso artístico foi muito presente no romance realista do século XIX e início do XX, quando a literatura dialogava com o discurso historiográfico positivista, apregoado pela autoridade do historiador em narrar o fato histórico tal como ocorreu, expressando “o gosto da nossa civilização pelo EFEITO DE REALIDADE, o que explicaria para Barthes, a voga do romance realista, do diário íntimo, da literatura documental [...]”⁴²

Esse ideal de romance está preso à noção de verossimilhança, ao que “poderia ter acontecido”, à representação de um fato que se constitui como efeito do real, “na expressão de Aristóteles, não a adequação àquilo que aconteceu, mas àquilo que poderia ter acontecido [...]”⁴³

⁴⁰ ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1985. p.91-90.

⁴¹ Cf. CHIAPPINI, Ligia. *O foco narrativo*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1989. p.26-32.

⁴² CHIAPPINI, Ligia. *O foco narrativo*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1989. p.83.

⁴³ CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol (orgs.) *A Personagem de Ficção*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1972. p.18.

No romance, a personagem Júlia de Castro é uma jovem de boa família, inteligente ao extremo e muito perspicaz, um tanto cética quanto aos dogmas religiosos e aos valores do mundo moveído em que se via mergulhada. Diferente das moças de sua época, Júlia, alimentada pela sua fome de leitura, estudou mais do que “de costume”. Menos pelo fundo romântico de sua época, apesar de ser muito sentimental, ambicionava casar-se e enxergou em Carlos Antonio Balster, um rapaz de família conhecida, alguém capaz de lhe proporcionar a vida que tinha no tempo de seu pai.

Carlos Antonio Balster era um moço simpático e afável, que, juntamente com outros jovens das mais antigas e nobres famílias paranaenses, alistou-se nas hostes das tropas revolucionárias. Carlos lutava em Lapa ao lado do “Exército Nacional Libertador” de Gumercindo Saraiva.

Júlia e Carlos conversavam por cartas, artifício que proporciona ao autor dar uma visão mais abrangente dos acontecimentos vividos.

O amadurecimento de Júlia para as questões políticas em relação às moças de seu tempo proporciona ao autor transformar suas cartas em verdadeiros relatórios da situação política em Curitiba, extrapolando todo o potencial de percepção e antevisão dos acontecimentos da jovem. Com essas características, a história muitas vezes é narrada pelo ponto de vista de Júlia, que se configura, em alguns momentos, como uma espécie de síntese das idéias do autor.

A primeira carta que Júlia escreveu a Carlos foi uma resposta a um pequeno bilhete que ele a enviou por um alferes bombachudo,⁴⁴ no qual Carlos objetiva tranqüilizar sua noiva acerca de seu estado físico. O bilhete foi escrito logo após o rapaz ter dado baixa no hospital em decorrência do seu ferimento no braço, consequência do violento combate de 22 de janeiro, quando os sitiados fizeram a primeira investida para tomar a Lapa. Júlia o responde com uma extensa carta carregada por um sentimento de receio e apreensão, em que se mostra temerosa diante do andamento da revolução.

Por meio das cartas, Júlia intenta pôr seu noivo a par de todas as movimentações dos políticos na capital, dos alistamentos incentivados por Vicente Machado que “soltou boletins dizendo que Curitiba resistirá até o último extremo, porque a Pátria estaria necessitando desse sacrifício”.⁴⁵ Júlia tece comentários sobre a retirada do governo legal para Castro, descreve o empenho da Junta

⁴⁴ É interessante observar como o autor descreve o alferes, resumidamente: “estava armado com uma espada lisa das que se usavam durante o segundo reinado na cavalaria e usava um cinturão branco com a sigla do reinado anterior” o que supõe ligações do federalismo com o Império, ou seja, um movimento de caráter restaurador, embora Carneiro não explicita essa idéia de forma clara no romance, o autor nos dá algumas pistas. “Os *maragatos* [...] eram face à federação, opositoristas, e se não realmente monarquistas, liberais saudosistas”. CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.96, grifo do autor.

⁴⁵ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.36.

Comercial, liderada pelo Barão do Serro Azul, em impedir combates em Curitiba, o lançamento do empréstimo de guerra, os boatos sobre a rendição de Tijucas e a possível queda da Lapa; comenta a insegurança da população paranaense face à falta de notícias concretas sobre a situação dos confrontos, gente pacífica que não era habituada ao convívio com essa gente tão estranha que perambulava por toda cidade, tão diferente dos tímidos e modestos paranaenses, não acostumados a tropelias.

Paira no ar uma sombra de tristeza, sentimento de angústia indefinível. Serão os receios causados pelas fisionomias estranhas que enchem nossas ruas? Os trajes raros nunca vistos antes por aqui, em tal profusão ao menos? As bombachas de cores berrantes? As chilenas enormes? Os cabelos compridos? As longas barbas ruivas?...Quem sabe se o que nos assusta são os olhares terríveis de sensualidade? [...] olhares penetrantes como estiletos florentinos, e fixam-se sobre todas as mulheres que passam pelas ruas.⁴⁶

Júlia representa, assim, essa população curitibana temerosa: “Meu querido: Temo que cheguemos a ter aqui, muito, um regime de terror, em que o pânico se renove, com algumas desastrosas conseqüências, como na famosa Revolução Francesa”.⁴⁷ Percebe-se, nessa passagem da carta de Júlia, a retomada de uma das teses discutidas por Carneiro, o qual defende que esse é o episódio mais rico para um estudo social no Brasil, em nível próximo ao da Revolução Francesa, pois a Revolução Federalista moldou a feição social do Estado, foi um período profundamente amargo, o mais angustioso de toda a sua evolução e que marcou a defesa da recém-proclamada República brasileira.

Carlos, ferido no combate de 22 de janeiro, sentia pela primeira vez as conseqüências reais de um movimento armado. Alistou-se nas hostes revolucionárias por idealismo puro, entusiasmado que fora por outros jovens das melhores famílias paranaenses que sacrificaram “bens e saúde, na esperança de uma vaga fórmula política que no momento seria pouco mais do que simples reação destruidora”.⁴⁸

Ainda no hospital, presenciou a morte trágica de um jovem combatente legalista, os médicos nada puderam fazer para salvar a vida daquele homem. A morte do rapaz deixou Carlos profundamente impressionado, era uma cena real de transpasse, longe da valentia e euforia de guerra que imaginava. A

⁴⁶ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.39.

⁴⁷ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.38.

⁴⁸ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.27.

cena, da qual Carlos não mais conseguiu libertar-se, fez estremecer suas convicções, que ficaram bastante abaladas e diluídas. A sua figura permite ao autor retomar a idéia de que esse foi um movimento descolado da história paranaense, sem raízes no Estado, e os que se alistaram foram, como o jovem Carlos, idealistas que se jogaram em uma aventura.

Na narrativa, outra figura importante é a da criada Emília, portuguesa como o pai de Júlia, inteligente e muita ativa, mulher que dedicava sua vida a cuidar da felicidade da família Castro. “Desde o início da revolução e sobretudo desde que batera às portas arrebatando Carlos Antonio”,⁴⁹ a intimidade da jovem patroa com a sua empregada cresceu. Emília é quem traz todas as novidades da situação da revolta, estava sempre a par dos boatos, em parte porque mantinha amores secretos com um sargento do 17º Batalhão de Infantaria que lutava do lado dos pica-paus,⁵⁰ lembrando que as Castro eram da causa federalista, “ainda que na intimidade ele (federalismo) fosse extremamente frio”.⁵¹

Completando o ambiente familiar da casa de Júlia, a mãe, Gertrudes Soares Castro, era figura secundária, a pacatez personificada, incapaz de dirigir-se só, tinha marcadas tendências à beatice.

Esses são os personagens que compõem a atmosfera familiar dos noivos, e, embora ficcionais nos seus comportamentos, na forma como agem e pensam estão profundamente inseridos no fluxo da história, de tal forma que poderiam ter existido na realidade.⁵²

Os personagens estão envolvidos na atmosfera social de uma suposta elite paranaense. Júlia e Carlos são pessoas íntegras e cultas, moram “na zona antiga de Curitiba, e habitada por toda a melhor gente da sociedade curitibana desse tempo”.⁵³ Esses traços são constantemente ressaltados nos móveis e objetos importados denotando requinte e também na ascendência portuguesa do pai de Júlia e britânica do pai de Carlos.

⁴⁹ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.89.

⁵⁰ As tropas legalistas “passaram a ser conhecidas como ‘pica-paus’, em razão do uniforme azul e do barrete vermelho”. SÊGA, Rafael Augustus. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005. p.100. Já os “maragatos” eram as tropas seguidoras de Gumercindo Saraiva, entre outras explicações, o termo pejorativamente “podia designar ‘pessoa desqualificada’ ou ‘castelhano’ que usava bombacha e tinha fama de desordeiro [...] Para os uruguaios, designava as pessoas oriundas de São José, descendentes dos maragatos espanhóis”. *Ibid.*, p.99.

⁵¹ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.63.

⁵² ESTEVES, Antônio R. *Literatura, história, memória (um tríptico em construção)*. 2006. Tese (Livres-Docência em Literatura Comparada). Faculdade de Ciências e Letras de Assis-UNESP/ Assis, 2006. p.27.

⁵³ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.20.

O romance é ambientado principalmente nas cidades de Lapa e Curitiba, o autor faz uma descrição quase topográfica das duas cidades que simbolizaram momentos importantes para o rumo da revolta. Curitiba, com o episódio do empréstimo de guerra, e Lapa, como ponto de resistência em que se travaram os sangrentos combates em defesa da República.

Curitiba, ao tempo, era uma cidade ainda em construção, com uma estrutura urbana precária, a vida curitibana, apesar da existência do teatro S. Teodoro, era monótona, por tal motivo a revolução “teria contribuído para vibrações, excitações, esperanças e perseguições, segundo o partido a que se pertencesse”,⁵⁴ configurou-se como um acontecimento exótico, nunca ainda visto pelos pacatos cidadãos curitibanos. Lapa possuía grande importância social, política e cultural, era acostumada a enviar seus filhos à guerra. A pequena cidade, a partir de outubro de 1893, “sofria as conseqüências da sua posição e da existência de líderes”.⁵⁵

As notícias dos combates em Lapa chegavam à capital com um dia de atraso, por meio do recurso de cenas, antes mesmo do autor voltar-se a trama da Lapa, o leitor, por meio das conversas de Júlia e Emília, as quais estavam atentas a todas as notícias e boatos, já tem uma visão das possibilidades de desdobramento dos acontecimentos.

O ponto alto do romance é o combate de 7 de fevereiro em Lapa, em que os maragatos planejaram tomar as principais trincheiras pica-pau. A historiografia seguidora principalmente de David Carneiro trata com demasiada minúcia de detalhes todas as manobras militares do conflito, pois, segundo expressão de Ângelo Dourado, a Lapa tornou-se “o osso que Gomes Carneiro deixara atravessado na garganta do federalismo gaúcho”.⁵⁶

Carlos comandava o 25º Batalhão de Infantaria e a casa onde estava postado com sua guarnição era estrategicamente importante. Horas antes do conflito, o jovem combatente se perguntava se estaria ali se pudesse prever o futuro, indagava-se se haveria motivo que justificasse tantas mortes, mas em momento algum pensava em desistir, paranaense que era, não abandonaria seu posto. Com o ferimento de seu cerra-fila, sargento Lobo, seus pensamentos o atormentavam.

⁵⁴ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.96.

⁵⁵ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.22.

⁵⁶ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.61. Ângelo Dourado foi um médico das hostes federalista, autor de *Voluntários do Martírio*, obra muito citada por Carneiro no transcorrer do romance.

Onde se desejava chegar? Que modificações estruturais atingir? Seu ceticismo crescia sem remédio, na convicção, já agora mais nítida, de que os republicanos tinham razão, porque só com razão tem ardor e encarniçamento para a luta, quem luta a tais extremos. Se não é qualquer governo que serve, também na República, tanto os bons, como os excelentes ou piores governos, devem ser curtos, e é só paciência, para que passem...⁵⁷

O combate desse dia foi sangrento com muitas mortes dos dois lados, e como a reação republicana foi fulminante, o confronto se estendeu com fogo acirrado por vários dias, causando espanto a “gente de Gumercindo e de Aparício, não acostumada a tanto ardor”.⁵⁸ A construção da figura dos revolucionários feita ao longo do romance aparenta certa antipatia com a causa dos correligionários de Gumercindo Saraiva, pois os corrientinos trouxeram ao Paraná um movimento difuso que resultou em combates sangüinários sem objetivo bem definido, seus líderes estavam divididos, não tinham um corpo bem organizado e nem apresentavam coesão disciplinar, assolaram o Estado com saques, estupros e banditismos de toda ordem. O que a historiografia vem mostrando é que as tropas revolucionárias eram formadas por contingentes díspares, tropas do Exército e da Marinha, estancieiros da campanha, pela massa rural empobrecida, mercenários uruguaios e muitos civis.⁵⁹ “Peões de estância, ‘crias’ de fazenda, agregados dos senhores de terra, marginais do campo, despossuídos: foi toda uma massa coagida a lutar por interesses completamente alheios”.⁶⁰

O romance, como anteriormente assinalado, faz parte de um conjunto de obras que Carneiro produziu tentando reconstruir com a “tinta da verdade documental” o movimento federalista no Paraná. No trecho que segue, extraído da obra *O Paraná e a Revolução Federalista* (1944), observamos como o autor analisa a passagem dos bombachudos pelo Paraná:

Creio que poucos terão tido satisfação com o domínio federalista no Paraná. Foi um período de pesadelo, de sombras, de crimes. Todos sentiam suspensão sobre suas cabeças, uma gigantesca espada de Dâmocles: os ricos viam a possibilidade de serem roubados, ou quando não, diminuídas sua fortuna por contribuição forçada. Os pobres, viam seus animais (gado

⁵⁷ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.103.

⁵⁸ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.101.

⁵⁹ SÊGA, Rafael Augustus. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005. p.94.

⁶⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.91.

vacum e cavalari) desaparecerem, e estavam também temerosos de uma conscrição “voluntária” que os obrigasse ao serviço militar. Os que haviam tomado partido por Floriano Peixoto, ainda mais ameaçados se sentiam.⁶¹

O medo da população paranaense, em boa parte, era causado pelos atos de violência intensa, fortemente ressaltados no romance, esse foi um tema muitas vezes diretamente associado à Revolução Federalista, os registros dos conflitos produzidos pelos cronistas narram o pavor frente às sessões de degolas, as brutalidades mostraram-se grandes dos dois lados e os requintes de crueldade marcaram o conflito, por tal motivo a revolta também é conhecida como “Revolução da degola”.⁶²

O certo é que de ambos os lados generalizou-se a prática da “degola”, forma de execução rápida e barata, uma vez que não requeria o emprego de arma de fogo. Consistia, na sua maneira mais usual, em matar a vítima tal como se procedia com os carneiros: o indivíduo era coagido a, de mãos atadas nas costas, ajoelhar-se. Seu executor, puxando sua cabeça para trás, pelos cabelos, rasgava sua garganta, de orelha à orelha, seccionando as carótidas, com um rápido golpe de faca.⁶³

A história guardou o nome de Adão Latorre, um mulato que “prestou hábeis serviços de degola para os maragatos”.⁶⁴ No romance, ao lado de Cesário Saraiva, a “hiena revolucionária”, os dois são demonizados.

O episódio que representa os atos de brutalidade intensa dos dois é o degolamento do Major Menandro Barreto. Ainda durante o combate de 07 de fevereiro em Lapa, o major detonou um caixote de dinamites postado na casa de Francisco de Paula, onde Carlos e sua guarnição sustentavam o fogo contra as trincheiras pica-pau. O resultado das dinamites foi desastroso.

A casa coberta de cadáveres, inclusive as mulheres e as crianças da família; o sangue espirrado por toda a parte; uma pobre menina com os olhos a se moverem nas órbitas, excessivamente abertas. Sangue e miolos

⁶¹ CARNEIRO, David. *O Paraná e a revolução federalista*. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1982. p.268.

⁶² SÊGA, Rafael Augustus. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005. p.94; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.89.

⁶³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.89.

humanos! Horror! Fez então, este comentário espontâneo: Se eu (Carlos) soubesse quem foi o responsável pelo que houve naquela casa, ao fim do combate, não trepidaria em castiga-lo pelas baixas sofridas e as desgraças causadas... Mas a sua voz quase se perdeu...⁶⁵

No entanto, foi o próprio Carlos quem levou a notícia, ouvida em uma conversa entre os legalistas, de que foi certamente o Major Barreto quem detonou as dinamites que causaram inúmeras mortes desnecessárias e que o mesmo temia ser degolado.”Os ânimos facilmente exaltáveis do pessoal do seu batalhão produziram um ambiente de revolta”,⁶⁶ Carlos nada pôde fazer para conter a onda de revolta e os planos de vingança que se avolumavam.

Carneiro dá ênfase à idéia de que as palavras de Carlos foram involuntárias, ingênuas, o autor ameniza o papel de delator do major, este certamente sem julgamento seria executado, desrespeitando as cláusulas da capitulação.

O jovem combatente estava desorientado, sua consciência mais uma vez o perturbava: “A luta se travava intensa no cérebro de Carlos Antonio [...] Às vezes parecia-lhe a natural justiça das coisas, reação a seus atos desnecessários, de destruição. Logo se lembrava que o patriota agia com grande risco de sua própria vida, para fazer calar um reduto inimigo.”⁶⁷

Na tentativa de impedir a morte do Major, Carlos pediu afastamento para voltar à Curitiba. Acompanhado de sua noiva, foram ao encontro de Cesário Saraiva, porém em vão; quando encontraram Cesário e seu bando, avistaram um montículo de terra onde “ainda era possível distinguir as formas exteriores do corpo inhumado. Carlos chegara tarde para a tentativa de o salvar”.⁶⁸ À noite coube a Emília, após uma de suas voltas habituais, em que voltava repleta de notícias, contar o que ouviu sobre a morte do Major.

O Major Menandro fora obrigado a cavar a própria cova [...] e fizera isso para ter em seguida, suas mãos cortadas a golpes de sabre; [...]. Tais haviam sido seus sofrimentos, que o pobre homem terminara pedindo, em altos gritos, que o degolassem de uma vez, terminando seus tormentos. E fora entre dichotes, risotas e brutalidades que o Negro o fizera ajoelhar-se, cotovelos às costas, para enfiar-lhe os dedos nas narinas, levantar-lhe a cabeça e enfiar o punhal ao lado esquerdo da garganta para que o

⁶⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.91.

⁶⁵ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.104.

⁶⁶ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.132.

⁶⁷ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.134.

⁶⁸ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.157.

sangue esguichasse das carótidas, e ele moresse de hemorragia complementar, ainda a ouvir as risadas alvares do grupo assassino.⁶⁹

Podemos perceber muitas semelhanças entre a reconstrução da prática da degola, que Carneiro representa nesta cena, com as características que Pesavento, explicitou em citação na página anterior.

Carlos não conseguiu mais esconder, afogava-se em um mar de lamentações e culpa, era amparado por sua noiva, inteligente, sensata e sempre hábil com as palavras na intenção de amenizar seus tormentos “[...] Agora não se amofine mais. O mal está feito. A história há de contar-se como foi escrita, apontando inexoravelmente os culpados a julgamento, ou provocando reações.”⁷⁰ Mais do que belas palavras, nesta noite Júlia entrega-se a Carlos, contrariando os costumes da época.

Além das brutalidades cometidas, representadas, sobretudo, pelos degolamentos que vinham manchando a causa revolucionária, Carneiro também se voltou a um assunto muito incomum para a época e que acabou de certa forma detratando ainda mais os maragatos, o “empréstimo de guerra”: “O início do mês de fevereiro ficaria marcado por uma prática federalista no Paraná que ficou famosa e que, para muitos, denegriu a imagem dos revolucionários: a cobrança dos célebres “empréstimos de guerra”, cabendo ao barão do Cerro Azul a missão de amealhar o dinheiro.”⁷¹

Como todo o trâmite para o empréstimo iniciou-se em Curitiba, Carneiro explora o assunto nas conversas de Júlia e Emília. O empréstimo de guerra é interligado à onda de degolamentos; a se espalhar o medo na tentativa de apressar os assuntos da coleta, o objetivo da Junta do Comércio, chefiada pelo barão do Serro Azul, era livrar a cidade de tropelias e saques, atos considerados inevitáveis se não se efetuasse o pagamento do soldo dos soldados, essa é a representação do empréstimo que Carneiro defende no romance, o empréstimo como uma ação necessária, o meio que homens de bem encontraram para defender a cidade que estava sem o amparo de seus governantes, pois estes fugiram para Castro.

Carneiro descreve como era feita a coleta do dinheiro para o empréstimo de guerra, para tanto, transcreve o conteúdo de documentos oficiais, como as *cartas circulares taxativas* que eram enviadas a cada cidadão convocando para a contribuição, com o nome de quem as emitia: “Barão do Serro Azul, José

⁶⁹ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.162.

⁷⁰ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.159.

⁷¹ SÊGA, Rafael Augustus. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005. p.197.

Fernandes Lourenço, José de Barros Fonseca, Pedro Fonseca.”⁷² Essas cartas, bem como a cautela-recibo, enviada posteriormente, são documentos que também estão presentes na sua obra *O Paraná e a Revolução Federalista* (1944).⁷³

Resolvido o assunto do empréstimo, os revolucionários preparam-se para prosseguir, os que “não tinham raízes na causa trataram de fugir ante a perspectiva de combates sérios.”⁷⁴

A história estava escrita. As vitórias federalistas haviam provocado sofrimentos, mas resultados nulos, porque nos primeiros dias de Maio de 1894 chegavam a Curitiba, ávidos de vingança os “Cesários Saraivas do governo”, que não eram mais os bravos combatentes das hostes de Gomes Carneiro, dos que resistiram à invasão. Eram invasores também, sedentos de mostrar ardores florianistas, que só poderiam fazê-lo fora dos grandes combates.⁷⁵

E novamente, para Carneiro, o Paraná foi invadido, o medo que deveria desaparecer apenas permaneceu com a volta da legalidade, a preocupação do governo foi procurar punir os que foram coniventes com a revolução. A cartilha florianista “passou a ser, no Paraná, mais rigorosa do que era no Rio, no Rio Grande ou em Alagoas”.⁷⁶ Se o motivo de tanto temor antes era conferido aos degolamentos, estes passaram a ser atribuídos aos fuzilamentos, entre tantas mortes um nome não passou incólume, o barão do Serro Azul. Segundo Sêga, “o caso mais controvertido do episódio em tela foi o assassinato do empresário Ildefonso Pereira Correia, mais conhecido pelo seu título nobiliárquico, barão do Serro Azul”.⁷⁷ Junto com o barão mais cinco pessoas embarcaram, no dia 20 de maio de 1894, no trem que os deveria levar para julgamento no Rio de Janeiro. “Mas infelizmente para esses homens, e para o Paraná, de onde eram filhos, Leite de Albuquerque e Fileto Pimentel encarregaram-se do serviço à moda ‘Cesário o ruivo’ [...]”.⁷⁸

Se em *Rastros de sangue...* podemos observar algumas características

⁷² CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.57; CARNEIRO, 1982, p. 252.

⁷³ CARNEIRO, David. *O Paraná e a revolução federalista*. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1982. p.252.

⁷⁴ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.173.

⁷⁵ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.173-174.

⁷⁶ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.185.

⁷⁷ SÊGA, Rafael Augustus. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005. p.18.

⁷⁸ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.178.

identificadas com a matriz fixada por Scott, esse diálogo não é estanque. O romance histórico romântico, ainda no século XIX, sofreu algumas rupturas, em 1826, Alfred de Vigny publicou *Cinq-Mars*, ambientado na história da França da época do rei Luís XIII. “Ao contrário do que dita o modelo scottiano, a ação principal desse romance reside em grandes feitos históricos, passando o elemento fictício para um segundo plano”.⁷⁹ A mesma ruptura está presente na obra de Victor Hugo, este com uma visão mais progressista da história, o autor, em seus romances históricos, “exalta alguns heróis reais, ao mesmo tempo em que pretende tirar do passado histórico lições morais que possam servir para o presente”.⁸⁰

Carneiro faz essa exaltação na pessoa do barão do Serro Azul, dedica algumas páginas do romance a contar como foi a vida desse nobilíssimo industrial da erva mate paranaense, ao longo do enredo o barão é sempre reverenciado, seu nome é citado como exemplo de um homem de boa fé que ajudou a salvar sua cidade da sanha revolucionária, homem que acreditava na justiça, porém foi covardemente executado sem julgamento: “No seu quixotismo, teve atitudes coerentes com a sua forma de ver esse mundo estranho em que viveu os seus últimos dias. [...] Suas lições foram proveitosas. O passado que ele representa é brinde generoso ao futuro, no constante anseio de moldá-lo melhor e de maneira mais firme.”⁸¹

Ao exaltar a figura do barão do Serro Azul como um herói cívico, Carneiro também colocou em evidência as ações de outro grande herói, o coronel Antônio Ernesto Gomes Carneiro, o defensor da Lapa.⁸² A cidade, sitiada pelos maragatos após 26 dias ininterruptos de combate, capitulou, em 11 de fevereiro de 1894, com a morte de seu bravo defensor coronel Gomes Carneiro. Durante a construção da narrativa sobre as batalhas, David Carneiro ressalta os atos de bravura intensa do coronel, e, talvez para evidenciar a força de comando desse, o autor cita uma circular que teria sido escrita por Gomes Carneiro na sua ordem do dia 3 de fevereiro: “Resistamos camaradas, porque nós militares não temos direitos senão deveres a cumprir! E os deveres do soldado neste único se resumem: Queimar o último cartucho e depois morrer!”⁸³; essa mesma citação é utilizada pelo autor em outra de suas obras, de 1944, evidenciando,

⁷⁹ ESTEVES, Antônio R. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, Letícia Zini (org.) *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Arte & Ciência, UNESP/Assis, 1998. p.130.

⁸⁰ ESTEVES, Antônio R. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, Letícia Zini (org.) *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Arte & Ciência, UNESP/Assis, 1998. p.130.

⁸¹ ESTEVES, Antônio R. O novo romance histórico brasileiro. In: ANTUNES, Letícia Zini (org.) *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Arte & Ciência, UNESP/Assis, 1998. p.58-59.

⁸² Carneiro até mesmo escreveu uma biografia do coronel Gomes Carneiro, ver: CARNEIRO, David. *Gomes Carneiro e a consolidação da República*. [S.I.: s.n.], 19—.

⁸³ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.107; CARNEIRO, 1982, p.225.

mais uma vez, o intenso diálogo que o autor estabelece entre a sua obra ficcional e suas produções históricas propriamente ditas.

A luta de Gomes Carneiro no campo de batalha e a sua morte são transformados no romance em símbolos da resistência contra os maragatos, um homem que morreu defendendo a República e a permanência do Marechal Floriano Peixoto como seu primeiro mandatário: “Floriano, se não vencesse, ficaria sepultado sob as ruínas da República, da mesma forma como esse outro gigante, Gomes Carneiro, tipo incomparável da dignidade militar e do devotamento cívico. Para eles só havia esta alternativa: Vitória ou a morte. E o marechal pode prevalecer graças ao sacrifício do segundo.”⁸⁴

Floriano Peixoto, no romance, não ganha grande relevo, mas, nas poucas vezes em que é citado, é tratado com respeito, visto como um líder incontestável, de energia máscula.⁸⁵ A defesa de Carneiro na historiografia e que perpassa suas obras é que a resistência dos defensores do cerco da Lapa desestabilizou as forças revolucionárias, atrasando a investida sobre São Paulo e possibilitando tempo para que os pica-paus se reorganizassem militarmente.⁸⁶ De tal forma, afirma que o Marechal Floriano Peixoto prevaleceu graças aos sacrifícios do coronel Gomes Carneiro e suas tropas.

David Carneiro, ao reinterpretar os fatos, acontecimentos e os personagens históricos, corporifica em *Rastros de sangue...* o discurso que se procurou solidificar nas representações coletivas em relação à Revolução Federalista como uma luta pelo republicanismo, promovendo para tanto a construção de heróis.

É assim que através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade, elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de bom comportamento, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do chefe, o bom súbdito, o guerreiro corajoso, etc.⁸⁷

⁸⁴ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.60.

⁸⁵ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.60-61.

⁸⁶ SÊGA, Rafael Augustus. *Tempos Belicosos: A Revolução Federalista no Paraná e a rearticulação da vida político-administrativa do Estado (1889-1907)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos/CEFET-PR, 2005. p.119.

⁸⁷ BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi* (Vol. 05, Anthropos-Homem): Lisboa Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s/d., p.309.

O barão do Serro Azul, no romance, é um herói acima de tudo paranaense, que procurou defender seus conterrâneos da invasão dos maragatos. O episódio federalista em si, para Carneiro é um divisor de águas na história do Estado, é o primeiro movimento nacional de participação militar intensa, do qual o Paraná deve se orgulhar porque cumpriu o seu papel, pois, embora invadido, defendeu a República e foi parte importante para a sua manutenção. O autor explora todo o potencial de recriação que a literatura oferece na tentativa de manter viva na memória da população paranaense esse momento impar em sua história.

Considerações finais

O romance histórico consiste no texto em que os limites entre o discurso histórico e ficcional são indefinidos, e, embora essa modalidade literária estabeleça um diálogo mais intenso com algumas demandas inerentes à historiografia, o faz com intenções e resultados diferenciados, “é sempre novo e original o destino que ele dá aos dados contidos na memória”.⁸⁸

Carneiro, em *Rastros de sangue...*, estabelece um pacto com o discurso ficcional mais realista, obedecendo à noção de verossimilhança, nutrindo-se da concepção de que os fatos passados podem ser captados pela linguagem e, assim, representados pelo discurso histórico, que, por vez, estabelece um diálogo com a produção literária.

A Revolução Federalista foi um tema muito investigado por Carneiro, resultando na produção de muitas obras de cunho historiográfico e talvez na intenção de explorar o recurso da imaginação nas suas reflexões sobre os acontecimentos – recurso que o discurso historiográfico positivista não reconhecia como reflexão histórica, devido à primazia do documento histórico – tenha decidido escrever um romance, apropriando-se da linguagem literária.

As análises do historiador supostamente frias e as dissecações do cientista sobrecarregado de informações concretas, podem ser sacrificadas pela incompetência de um beletista na insuficiência de suas expansões estéticas, quando – historiador, cientista e literato – em uma mesma pessoa tentassem colocar no ambiente social de uma região e num mesmo período histórico, os elementos concretos destinados a nele se moverem, vendo e sentindo.⁸⁹

⁸⁸ MILTON, Heloisa C. Sarmiento na literatura. O romance histórico e algumas de suas considerações. In: ANTUNES, Letícia Zini (org.) *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Arte & Ciência, UNESP/Assis, 1998. p.197.

⁸⁹ CARNEIRO, David. *Rastros de Sangue...* Curitiba: Max Roesner, 1971. p.6.

Podemos pensar que o romance, para Carneiro, preenche a “insuficiência” do discurso historiográfico de suas obras, o que se permitiu fazer por meio da trama fictícia protagonizada pelos noivos Júlia de Castro e Carlos Antonio Balster. Tentou aproximar o leitor do momento histórico em que eles estão inseridos, o período de maior tensão e angústia que sofreu a população paranaense na história de sua evolução. Utilizou a linguagem literária também para reavivar e construir a memória dos heróis, barão do Cerro Azul e coronel Gomes Carneiro, exemplos de civismo para as gerações futuras, contribuindo para a elaboração e manutenção de elementos importantes do imaginário social paranaense.

Para transmitir a sua interpretação sobre o movimento federalista no Paraná, o autor limita a dosagem quanto à reinvenção dos signos da história, há um predomínio da narrativa objetiva dos fatos e do enaltecimento dos heróis e um menor trabalho de construção de linguagem.⁹⁰

O romance, do início ao fim, cerca-se de documentos históricos, e, embora o autor não referencie de onde foram extraídas todas as informações, são citados boletins oficiais, circulares, telegramas, impressos referente ao empréstimo, dados que pretendem conferir autenticidade documental à narrativa. A partir de tais constatações pode-se afirmar que, em *Rastros de sangue...*, se configura uma narrativa de interpretação histórica, produzida com estilos e recursos ficcionais.⁹¹

Dessa forma, assim como diversas produções ficcionais que dialogam com os signos da história, o romance histórico reivindica ser um possível olhar diante dos acontecimentos passados, o que instiga os historiadores à constante indagação sobre as possibilidades históricas e documentais dos temas apresentados pelas produções literárias e artísticas, em suas múltiplas formas de percepção e apreensão da sociedade.

⁹⁰ MILTON, Heloisa C. Sarmiento na literatura. O romance histórico e algumas de suas considerações. In: ANTUNES, Letícia Zini (org.) *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Arte & Ciência, UNESP/Assis, 1998. p.210.

⁹¹ MILTON, Heloisa C. Sarmiento na literatura. O romance histórico e algumas de suas considerações. In: ANTUNES, Letícia Zini (org.) *Estudos de literatura e lingüística*. São Paulo: Arte & Ciência, UNESP/Assis, 1998. p.199.